Safra 1995/96: panorama das exportações de açúcar

Apenas no ano passado, o país recebeu quase US$1 bilhão em divisas oriundas das exportações de açúcar. Até agosto deste ano, o valor dos embarques físicos de açúcar já superou esta marca.

A produção de açúcar para a safra 1995/96 vai se desenvolvendo no ritmo esperado. Segundo a AIAA, até o início de setembro já haviam sido produzidas 104,6 milhões de sacas de açúcar, volume 4,29% superior ao da safra passada. Apenas no estado de São Paulo foram produzidas mais de 80 milhões de sacas. O volume de cana moída, no entanto, encontra-se abaixo da safra passada, 3% inferior aos 124 milhões de sacas que já haviam sido moídas no Centro-Sul.

Nesta safra, o setor passou por momentos de incerteza, com relação à taxação das exportações do açúcar em 40%, anunciada no início de junho. Como reflexo imediato, os embarques de açúcar, que normalmente começam a se intensificar a partir de junho, por ocasião do início da safra de cana-de-açúcar no Centro-Sul, caíram 9%. Em meados de julho, a suspensão da alíquota de 40% reaqueceu as exportações do produto. Até o final de julho, mais de US$200 milhões foram embarcados.

Finalmente, três meses após ter sido iniciada a colheita da cana no Centro-Sul, foi anunciado o Plano de Safra 1995/96,[1] onde foi estabelecido um limite dentro do qual as exportações estarão isentas do imposto. A grande novidade foi a forma de estabelecimento desta cota, não mais por usina, como vinha sendo há mais de 30 anos, mas em termos de região. Certamente um modesto avanço no processo de desregulamentação do setor, migrando de um modelo de cotas para um modelo de leilões de direito de importação.[2] Das 11,46 milhões de toneladas de açúcar estimadas para a safra 1995/96, 4 milhões de toneladas deverão ser exportadas, restando 7,5 milhões de toneladas para o consumo doméstico.

Este limite de exportações isentas do imposto, no entanto, parece ser baixo diante do crescimento do volume de açúcar embarcado para fora do país. Até agosto, o valor acumulado das exportações de açúcar demerara, cristal e refinado atingiu a cifra de US$1,06 bilhão, quase a totalidade do que fora realizado ao longo de 1994. Estima-se, que para este ano, as exportações de açúcar gerem em torno de US$1,5 bilhão de divisas para o país.

A proposta inicial, levada para a discussão do plano de safra junto ao Mict, era de que pelo menos 5 milhões de toneladas fossem exportadas, 1 milhão de toneladas acima do estabelecido pelo plano de safra. No entanto, é esperado que este limite seja renegociado até o final do ano, quando o ritmo das exportações continuará aquecido, em função da entrada da safra da região Norte/Nordeste.

[1] Portaria nº 302 do Mict, de 1-8-1995.

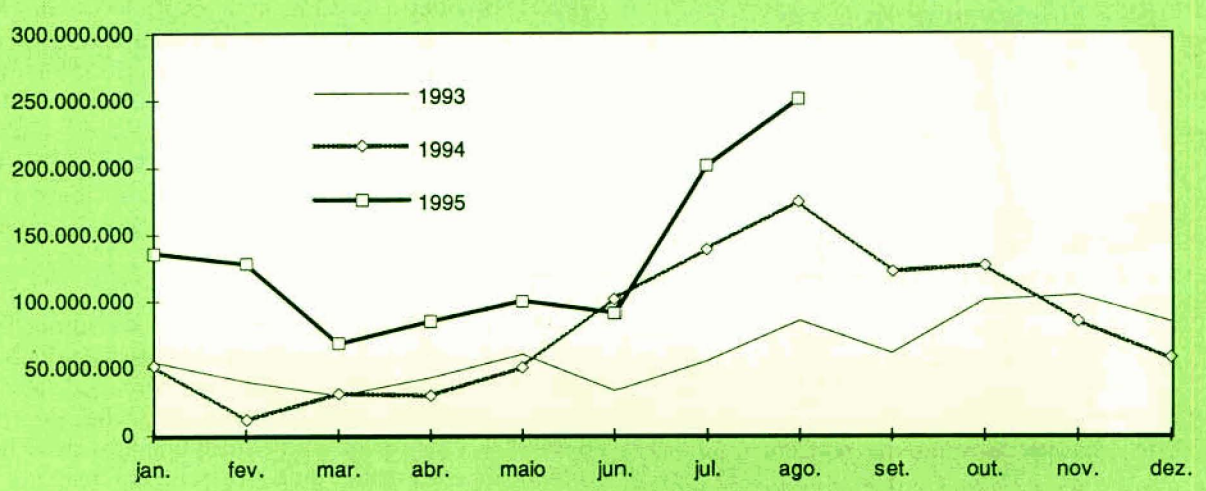
[2] Sobre este assunto, ver Villanova, J. A. Começa a desregulamentação do setor. *Agroanalysis*, *15*(7): 28, jul.1995.

Plano de Safra 1995/96: um avanço na desregulamentação, mas frustração nas expectativas

	Álcool (m^3)					Açúcar (tm)		
	Combustível		Outros fins					
Região	Anidro	Hidratado	Anidro	Hidratado	Total	Mercado interno	Excedente	Total
Centro-Sul	2.962.597	7.245.000	100.000	900.000	11.207.597	5.897.000	2.612.500	8.509.500
Norte/NE	464.443	1.382.484	200	41.157	1.888.284	1.530.752	1.420.000	2.950.752
Brasil	3.427.040	8.627.484	100.200	941.157	13.095.881	7.427.752	4.032.500	11.460.252
São Paulo	2.541.847	5.110.048	100.000	796.700	8.548.595	4.253.075	2.184.533	6.437.608
% Brasil	74,17	59,23	99,80	84,65	65,28	57,26	54,17	56,17
% Centro/Sul	85,80	70,53	100,00	88,52	76,28	72,12	83,62	75,65

Fonte: Portaria nº 302 do Mict, *Diário Oficial da União* de 2-8-1995.

A sazonalidade das exportações brasileiras de açúcar em US$ (demerara, refinado e cristal)



Fonte: Secex.

Exportações recordes em 1994
(valores acumulados em US$)

	Total	Cristal	Demerara	Refinado
1991	398.086.471	47.014.635	208.820.340	142.251.496
1992	541.319.281	161.628.455	168.249.474	211.441.352
1993	750.903.005	325.083.448	195.794.404	230.025.153
1994	982.807.371	614.498.670	173.241.386	195.067.315
1995	**1.063.005.759**	**587.860.013**	**254.754.503**	**220.391.243**
ago. 91	232.938.924	22.465.710	114.249.851	96.223.363
ago. 92	272.063.704	92.568.814	74.468.780	105.026.110
ago. 93	400.696.721	165.565.759	105.912.260	129.218.702
ago. 94	589.857.568	375.435.016	90.870.802	123.551.750
ago. 95	**1.063.005.759**	**587.860.013**	**254.754.503**	**220.391.243**

Fonte: Secex — Sistema Alice.

O destino das exportações brasileiras

O porto de Santos é, atualmente, uma das principais portas de saída do açúcar brasileiro. Até 1991, segundo dados da Companhia Docas do Estado de São Paulo (Codesp), o porto movimentava em média 200 mil toneladas anuais. A partir de 1992, o volume embarcado aumentou 450%, atingindo uma média anual de 1,1 milhão de toneladas.

Este súbito aumento no volume de açúcar exportado, oriundo principalmente do estado de São Paulo, coincide com o período de decadência pelo qual o Programa de Álcool no Brasil está passando. A defasagem do preço do álcool e seu controle pelo governo têm levado os usineiros a optar pela intensificação da produção de açúcar, bem mais remuneradora (preços de mercado), para compor a sua receita.

O aumento expressivo das exportações de açúcar, por sua vez, tem levado ao congestionamento do porto de Santos, e novas alternativas estão surgindo, como os portos de Paranaguá e do Rio de Janeiro.

Em 1994, quase 50% do valor exportado dos produtos do subcapítulo 17.01, que engloba açúcar demerara, refinado e cristal, foi destinado à Índia. Uma situação atípica, determinada pela quebra de safra do maior produtor mundial de açúcar. Este foi um dos grandes motivos, inclusive, da elevação das cotações internacionais no ano passado, adicionando-se à pressão de demanda por parte de países como a Rússia e a China.

As importações indianas provenientes do Brasil, no entanto, concentraram-se basicamente na compra de açúcar cristal. Os maiores importadores de açúcar demerara e refinado do Brasil foram, no ano passado, respectivamente, Marrocos (US$36 milhões) e Nigéria (US$56 milhões).

Os 10 maiores importadores dos produtos do subcapítulo 17.01 brasileiro

Posições desde 1990 (ordenação por valor em US$)

	90	91	92	93	94	1994
Índia					1	432.097.903
Nigéria	7	2	1	1	2	62.104.352
Sri Lanka		16	18	11	3	57.221.419
ARG			46	35	4	55.945.639
IRN	6	15	5	5	5	49.201.518
Marrocos	3	4	2	6	6	40.480.912
USA	1	1	3	3	7	32.629.515
Egito	2	3	4	4	8	27.637.274
Somália			23	34	9	19.519.765
Quênia	16	20	13	27	10	18.249.090
Nº total países	23	35	46	53	51	992.205.322

Fonte: Secex — Sistema Alice.
Nota: SC 17.01 inclui açúcar demerara, cristal e refinado.

Para este ano, as expectativas são de que a presença da Índia seja significativamente reduzida no mercado de açúcar, uma vez que as suas perspectivas de produção para a safra 1995/96 são muito boas.

Até julho deste ano, os principais países importadores do açúcar brasileiro foram Rússia, China, EUA, Egito, Marrocos e Índia, que, conjuntamente, adquiriram mais de 1,5 milhão de toneladas.

Panorama internacional: principais importadores e exportadores

Estruturalmente, a tendência das cotações do mercado é de baixa. Os relatórios das instituições mais respeitadas no mercado internacional de açúcar, como LMC International, USDA e ISO, apontam para um balanço positivo de oferta em relação à demanda para a safra 1995/96.

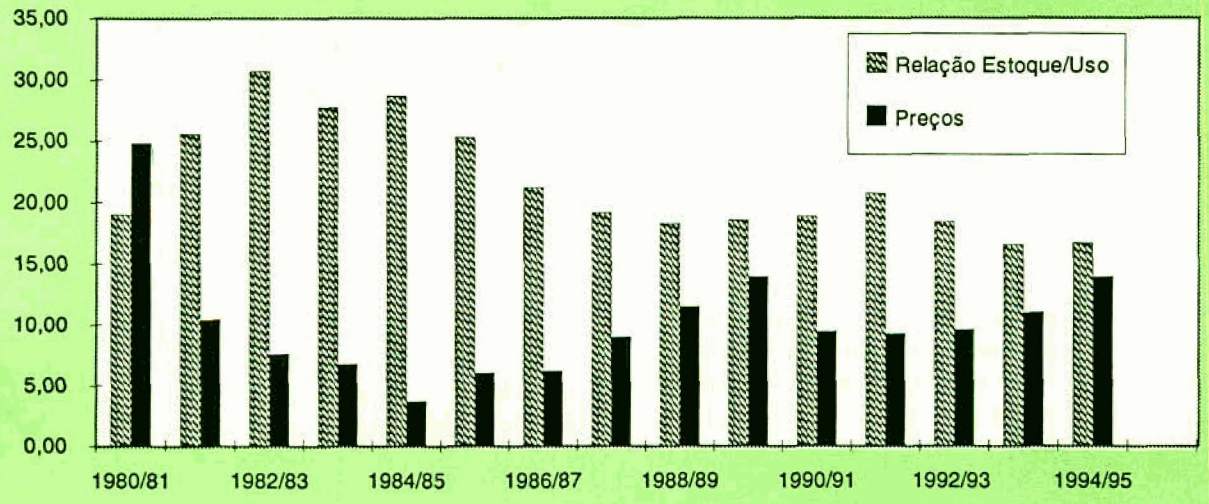
No mercado disponível, entretanto, as cotações ainda estão pressionadas por uma escassez temporária de produto de alta qualidade. O mercado está pagando altos prêmios ao açúcar branco, o que acaba se refletindo nas cotações do demerara.

Embora a safra indiana de 1995/96, que se inicia em outubro, deva repetir o excelente resultado obtido em 1994/95, o elevado consumo doméstico não deve permitir um volume expressivo de exportações. Segundo levantamento feito pela LMC International, a área de cana-de-açúcar na Índia aumentou entre 5% e 10%, e as chuvas de monções apresentam regularidade, o que favorece a produção indiana.

Países como a China e a Rússia têm grandes chances de se manter por algum tempo como grandes compradores no mercado internacional. No caso da China, há queda na produção, estoques muito baixos e consumo aquecido. No ano passado, a China comprou cerca de 3 milhões de toneladas, o que ajudou a elevar as cotações internacionais. Erosão no solo e seca são dois dos principais motivos que levam a crer que não haverá recuperação, tão cedo, da produção chinesa de cana-de-açúcar.

A safra passada da China foi recentemente revista para 5,29 milhões de toneladas (bem abaixo da média verificada nos últimos anos, de 7 milhões de toneladas), enquanto o consumo eleva-se a uma taxa anual média de 5% a.a. Para cotações entre 9-11¢/lb-peso, o país foi grande comprador no ano passado. Até o momento, com o mercado em 11¢/lb, os compradores chineses ainda não se manifestaram, mas é uma questão de tempo e do volume que será necessário comprar.

Tendências: recuperação dos estoques e queda nos preços



Fonte: USDA.

Quanto à Rússia e aos países da antiga ex-URSS, há necessidades de investimentos externos para promover uma significativa recuperação no consumo doméstico de açúcar, bem como na produção. O elevado risco de se investir nessas economias, porém, afugenta o capital externo, tornando a possibilidade de recuperação do setor açucareiro russo mais lenta e remota.

Segundo o balanço de oferta e demanda das ex-repúblicas soviéticas, realizado pela LMC International, a sua produção tem caído mais do que proporcionalmente à queda no consumo, o que tem levado a uma drástica redução nos estoques. Em 1994, por exemplo, a produção local foi 23% inferior à do ano precedente, enquanto o consumo caiu apenas 9%. Isso levou a uma queda dos estoques de quase 2 milhões de toneladas (valor bruto).

A pressão de demanda proveniente desses dois gigantes do mercado internacional, no entanto, será compensada pelas estimativas de aumento da produção em grandes países produtores, como o próprio Brasil, Guatemala, México, Colômbia, Tailândia e Índia.

Mesmo com a esperada queda nas cotações internacionais, o Brasil vive uma vantajosa situação de grande competitividade no setor sucroalcooleiro, por possuir tecnologia, produtividade e área, fatores que, segundo alguns analistas, lhe facultam manter-se no mercado internacional com cotações próximas a 11¢/lb-peso. Por outro lado, a continuidade da valorização do real e o aumento no custo de frete no porto de Santos (que passou de US$45/t, em 1994, para US$60 neste ano) representam problemas.

Mesmo com os obstáculos que as exportações de açúcar devem enfrentar, na pior das hipóteses, mercado não faltará. O consumo interno brasileiro encontra-se em franca expansão, com a indústria estimando um consumo *per capita* de 48,3kg, o que representa um aumento de mais de 6% com relação à safra 1994/95. Calcula-se que haverá uma demanda interna de pouco menos de 8 milhões de toneladas (acima, inclusive, dos 7,5 milhões de toneladas estimados pelo Mict em seu plano de safra).

Mais de 50% da demanda interna são utilizados na indústria de bebidas, como adoçante. O mercado de refrigerantes, por exemplo, espera que o consumo cresça 20% em relação a 1994. A indústria de cervejas já prevê um desabastecimento para o próximo verão, mesmo estando ampliando sua capacidade de produção em 20%. Além do setor de bebidas, o consumo de biscoitos, chocolates e outros alimentos processados cresceu 30%, em função do Plano Real.

GUILHERME SORIA BASTOS FILHO

CARNE BOVINA

Produção mantém expansão histórica

Algumas variáveis podem explicar o bom desempenho da pecuária no país. Mas a expansão da produção coincidiu com a consolidação da abertura comercial, o Mercosul e a estabilidade econômica.

A produção de carnes no país está em expansão há vários meses. As principais variáveis responsáveis por este desempenho são a capacidade de resposta da avicultura a estímulos positivos, a estrutura de produção da pecuária de corte e da suinocultura e os resultados colhidos pelo setor carnes a partir do segundo semestre de 1993, quando o mercado interno se tornou mais comprador. A expansão da produção, no entanto, aconteceu durante a consolidação da abertura comercial brasileira, do Mercosul e da estabilização econômica, que alteraram as características do mercado. Este é o pano de fundo do comportamento recente do mercado e da produção de carne bovina no país.

A produção nacional de carne bovina em 1995 e 1996 será, também, um reflexo dos investimentos que vêm acontecendo há vários anos, sobretudo na região compreendida entre norte do Paraná e oeste de São Paulo, no Centro-Oeste, em Tocantins e no Triângulo Mineiro, onde se concentram 70% da produção nacional. No ano passado, ao atingir 4,58 milhões de toneladas, teve um crescimento modesto de apenas 1,33%. Para 1995, as estimativas menos otimistas indicam uma produção aproximada de 4,75 milhões de toneladas — um incremento de 174 mil toneladas sobre o volume produzido no ano anterior (3,7%). Para 1996, os levantamentos preliminares apontam novo aumento, com a produção ficando entre 4,9 milhões e 5,1 milhões de toneladas.

Nos anos recentes, parte dos aumentos da produção teve sua origem na redução da entressafra do Centro-Sul. A oferta tem-se mantido mais uniforme ao longo